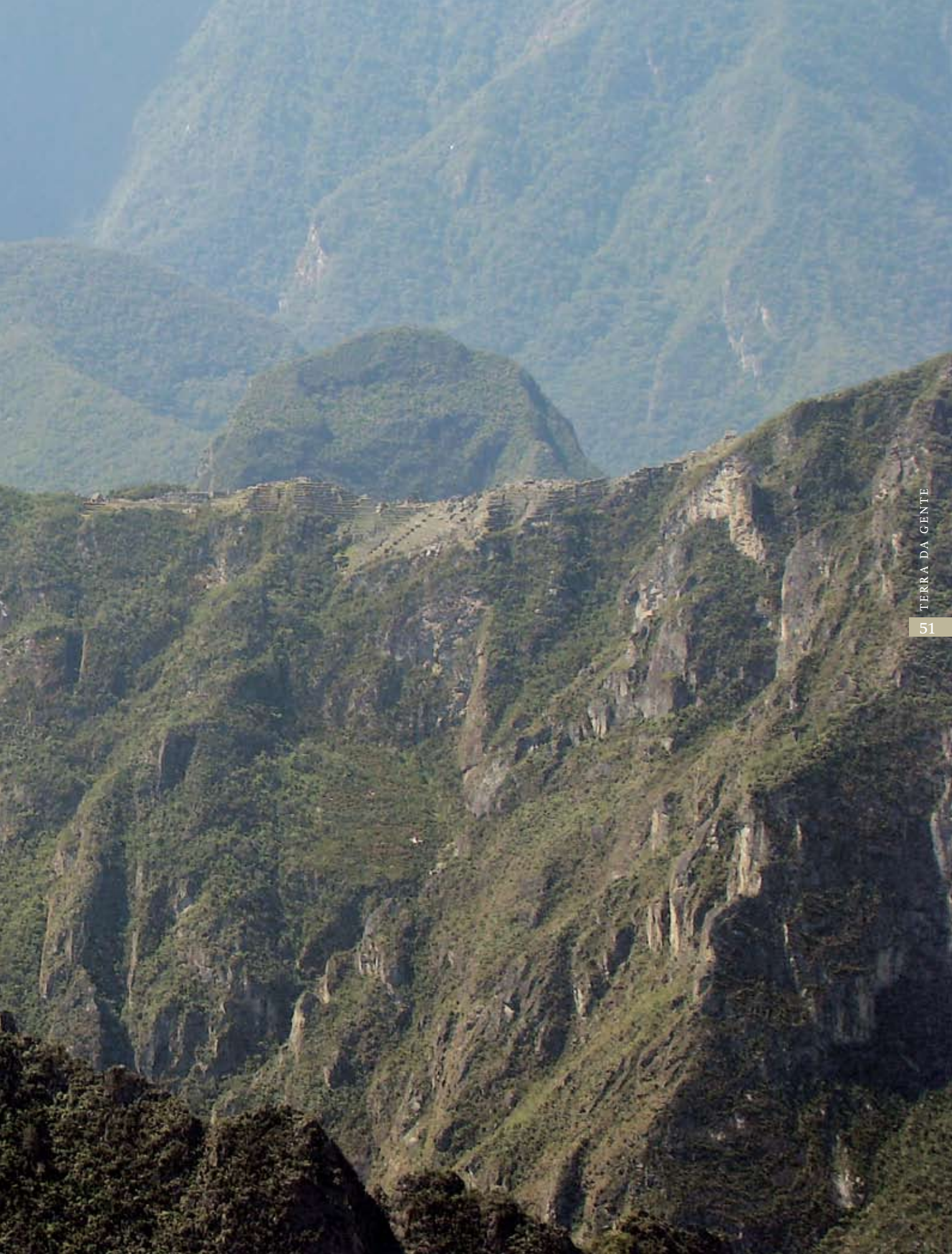


VELHA MONTANHA

Viajamos a cavalo pela beira dos abismos, em um dos 80 caminhos que ligam Cuzco a Machu Picchu. E conquistamos o privilégio de apreciar as ruínas da cidade mais famosa do Império Inca por ângulos inusitados...



VALE SAGRADO

Homens e animais 'somem' nas trilhas que cortam as montanhas, à beira do precipício. A florzinha llauilli (no destaque), se destaca na vegetação. Em vários pontos os xamãs, com trajés típicos (à dir.), fazem rituais de agradecimentos, pedidos e de reverência e bênção das folhas de coca. Ao fundo, o gelado monte Humantay



Um mosaico de formas geométricas em tons pastéis. Do alto, na limitada vista da janela do avião, essa é a primeira impressão da capital inca no Peru. A cidade de Cuzco, no Sul do país, tem cerca de 450 mil habitantes e fica a 3.500 metros de altitude, o que lhe rende o título de uma das mais altas do mundo.

No solo, um lugar de contrastes, quase sem cor: hotéis luxuosos dividem espaço com pequenas casas feitas de forma rústica com tijolos de barro amassado. Alguns moradores se dão ao luxo de pintar a fachada, mas até os prédios com melhor acabamento têm laterais e fundos sem qualquer arremate. Mas essa ausência de cor está só nas construções: pelas ruas, turistas de todo o mundo se

misturam com peruanos facilmente identificados pela baixa estatura, o rosto arredondado, olhos puxados e roupas muito coloridas.

Nas esquinas, mulheres com os filhos amarrados em tecidos nas costas arrastam lhamas e carneiros à espera de gorjeta dos visitantes dispostos a tirar fotos.

É dali que partimos para conhecer uma das sete maravilhas do mundo, o Santuário Histórico de Machu Picchu. Quase todos que pretendem chegar à cidade inca passam antes pela região de Cuzco. A parada estratégica serve de adaptação à altitude e início do 'mergulho' nas tradições de um povo instigante.

A 6 km do centro urbano, uma imensa muralha feita de pedras encaixadas é o primeiro contato com tais tradições.

Construída estrategicamente ao redor de Cuzco, a proteção chamada Saqsaywaman (falcão) forma um dos mais importantes complexos arquitetônicos construídos pelos incas. Supõe-se que foi desenvolvido com propósitos militares para defender o império de invasores. A obra levou 77 anos para ficar pronta – de 1431 a 1508 – e resistiu até a chegada dos espanhóis. Alguns especialistas consideram Saqsaywaman mais importante do que Machu Picchu, pela forma como as rochas estão dispostas. Os encaixes são milimétricos e algumas pedras ultrapassam 70 toneladas. Até hoje, a forma como elas foram transportadas continua um mistério.

De volta à estrada, seguimos um caminho sinuoso em direção ao Vale



Sagrado, uma região cercada de montanhas gigantes. “Parece que Deus pegou um punhado de terra e foi soltando por entre os dedos para formar esse relevo”, diz o administrador de empresas Marco Antonio de Castro, um dos participantes de nossa aventura.

Localizado nos Andes, o Vale Sagrado tem como eixo principal o rio Urubamba. Na terra fértil às suas margens “é produzido o melhor grão de milho do Peru”, diz o guia Guido Serrano. A região é também uma das maiores produtoras de batatas das Américas. Centenas de variedades tradicionais são conservadas nos campos e nas montanhas de onde originalmente saíram para abastecer o mundo.

Seguimos até o último vilarejo do Vale Sagrado, Mollepata, e então nossa viagem muda de perfil: num haras no alto da colina, cavalos da raça quarto de

Ainda há muito o que descobrir em Machu Picchu

milha nos aguardam. Dali em diante, confiamos a eles nossas vidas pelas beiradas de abismos vertiginosos. De Cuzco saem pelo menos 80 caminhos incas por entre as montanhas com destino a Machu Picchu. Todos eles incluídos na Grande Rota do Império Inca que parte de Quito, no Equador, e desce até La Paz, na Bolívia, com ramificações no Chile e na Argentina. Oficialmente, a Grande Rota tem 4.500 km de extensão por 400 km de largura. No entanto, considerando as mais recentes descobertas e suas ramificações, estima-se em mais de 30

mil km de trilhas e estradas antigas com canalização das águas, pontes e muros feitos com pedras para conter erosão.

Há cerca de 500 anos esses caminhos já possibilitavam uma vasta troca de mercadorias de uma região para outra, sobretudo do sentido Norte-Sul, incluindo artesanatos, arte plumária, conchas, madeira, pedras e metais preciosos. Até mesmo penas de aves do Brasil figuram em peças cerimoniais feitas por incas, sugerindo também uma conexão Leste-Oeste. “Há muitas coisas que ainda não se sabe”, diz o diretor do Parque Arqueológico Nacional de Machu Picchu, José Fernando Astete. “Há 2 meses encontramos um novo caminho na montanha atrás de Machu Picchu e deve haver muitas surpresas”.

Num grupo com 15 pessoas, partimos de uma altitude de 2.900 metros. As bagagens vão de mula, sempre à frente. A trilha começa numa área de vegetação baixa. Pequenos

arbustos com folhagens secas lembram o Cerrado brasileiro. O primeiro dia de cavalgada é bem tranquilo. A passo, temos chance de nos adaptar aos animais, à altitude e ao costume milenar de mascar folha de coca. A oferta dos guias é cercada de um ritual de reverências e bênçãos em quechua. Com energia renovada continuamos na trilha de Cruzpata e ao cair do dia chegamos a um *lodge*. Estamos a mais de 3.500 metros de altitude e a noite de sono é providencial.

Aos primeiros raios de sol voltamos aos cavalos. As trilhas são estreitas, cortadas por riachos com pedras soltas,

subidas e descidas íngremes. São várias as situações de risco à beira do abismo. Alguns turistas reclamam de dores pelo corpo, “mas a situação poderia ser muito mais difícil se estivéssemos a pé”, conta o médico especialista em doenças de altitude, Yuri Gonzales, que nos acompanha durante toda a jornada. Após cavalgar cerca de 3 horas, descemos num campo cercado de montanhas com neve permanente. Acompanhados por dois xamãs ou ‘homens das montanhas’, somos guiados para uma caminhada num trecho sem trilha. Nesta altitude, cada passo demanda um grande esforço até

para quem está em boa forma física. “Acima de 2.500 metros acontece uma série de mudanças para que o organismo possa se adequar. No alto, a pressão atmosférica é menor e o ar, mais rarefeito. Por isso, tudo parece mais difícil”, continua o médico.

Nosso destino do dia é o monte Humantay, onde dormiremos junto ao lago de mesmo nome. As águas cristalinas e azuladas são de degelo. Segundo o guia Pepe Noriega, apesar da beleza a situação é preocupante: “Há apenas 2 anos viemos com o primeiro grupo de turistas neste lago. Daqui era possível ver a



A Grande Rota do Império Inca

O Império Inca foi um estado-nação que se expandiu a partir do reinado de Manco Capac, por volta do ano 1200, até a conquista dos espanhóis e a execução do imperador Atahualpa, em 1533. O império abrangia diversas nações com mais de 700 idiomas, sendo o quechua o mais falado. Os incas originários das montanhas do Peru expandiram seu controle a quase toda a região dos Andes, montando a Grande Rota entre as atuais cidades de Quito, no Equador, e La Paz, na Bolívia. A civilização alcançou seu apogeu no Século 15.

ARTE: MATHEUS JEREMIAS FORTUNATO

Quito

Equador

Colômbia

Peru

Para chegar a Machu Picchu:

- A partir de Cuzco, a viagem de trem leva 3 a 4 horas até Aguas Calientes. Dali, micro-ônibus levam mais 30 minutos para chegar às ruínas.
- De carro é possível seguir pelo Vale Sagrado dos Incas até Ollantaytambo e aí tomar o trem até Aguas Calientes, seguindo daí em micro-ônibus.
- A pé, o Caminho Inca pode ser percorrido em 4 dias.
- De helicóptero, a partir de Cuzco são apenas 30 minutos.

Brasil

Para ir a cavalo:

Esta e outras cavalgadas podem ser agendadas com o grupo Cavalgadas Brasil, sediado em São Paulo www.cavalgadasbrasil.com.br ou info@cavalgadasbrasil.com.br ou tel. (11) 7562-8884

Bolívia

Machu Picchu

Cuzco

La Paz

Tiahuanaco

20.000 a.C. a 600 a.C.
Tipos primitivos de caçadores-coletores atravessaram o
estreito de Bering em direção ao Sul, povoando gra-
dualmente as Américas

20.000 a.C.

geleira e uma grande caverna de gelo. Agora a caverna desapareceu totalmente. Se não fosse pela última tempestade de neve que ocorreu há apenas uma semana, talvez nem víssemos a montanha branca. Praticamente só rocha. É um claro sinal do aquecimento global, afetando também este lado do continente”.

O alerta valoriza ainda mais a paisagem deslumbrante. Neste cenário, participamos de mais um ritual das montanhas, com os xamãs vestidos com trajes típicos. Os dias subsequentes são de mais cavalgadas e descobertas. Conforme avançamos, observamos e sentimos na pele mudanças do clima e da paisagem. Ao passar pelo topo da montanha Salkantay, enfrentamos o frio e o gelo sob nossos pés. A 4.600 metros de altitude, todos que chegam ao cume cumprem novos rituais de agradecimento e de pedidos. A dentista carioca Vilma Massae resume a experiência: “Você está a mais de 4.500 metros numa montanha de fama tenebrosa e de repente todos estão se abraçando, desejando felicidade. Parece que você é dona do mundo e isso é muito bom”.

São 8 horas de caminhada mais 1.200 degraus até o topo

Menos de 10 km adiante atravessamos uma área de transição e, de repente, deixamos gorros e cachecóis: estamos na Floresta Amazônica. “São 19 ecossistemas nesta zona, até chegar numa selva plana”, diz Noriega, ressaltando que a Amazônia peruana é diferente da brasileira. “Primeiro, o terreno é diferente, rochoso, e as árvores aqui não chegam a ser tão grandes. Podem ser árvores muito antigas, mas não têm mais do que 2 ou 3 metros de altura”.

Observamos flores coloridas, endêmicas da floresta peruana: bromélias, orquídeas e uma flor chamada llauilli (*Barnadesia horrida*). Em tom rosa escuro, ela nasce num arbusto espinhoso de 3 metros. Camponeses a usam como cerca viva e as pétalas são consideradas medicinais, contra

infecções respiratórias. Os incas faziam fogo de llauilli e cozinhavam aves de várias espécies, num ritual usado para diminuir as forças dos inimigos. Por isso, a flor figura em peças cerâmicas incas. Neste ambiente de altitude, vivem raposas e serpentes endêmicas, e o urso-de-óculos (*Tremarctos ornatus*), criticamente ameaçado de extinção. “Camponeses creem que os ursos são carnívoros e um perigo para suas criações. Mas é falta de conhecimento, eles são herbívoros. O problema é que continuam sendo muito caçados”, lamenta o guia.

Entre as aves, é comum avistar gaviões e colibris, porém a mais citada pelos incas é o condor (*Vultur gryphus*), que vive no alto das montanhas e figura em artesanatos, pinturas e até na arquitetura. A própria Machu Picchu foi construída no formato desta ave majestosa.

Nosso caminho continua e, depois de 6 dias, chega a hora de nos despedirmos dos



1492 a 1533
 Manco Inca assume o trono muito jovem e é atacado por uma tribo invasora do Sul, com apoio de alguns espanhóis. Com os supports desta a família a guerra dura décadas. Inca Atahualpa, filho de Manco, mata o irmão Huáscar em 1527 e se torna o novo Inca. Em agosto de 1532 Pizarro chega ao Peru com um exército de 160 soldados espanhóis. Inca Atahualpa é executado. Pizarro estabelece o império espanhol no Peru.

1438 a 1492
 Inca Pachacuti funda a cidade de Cuzco e estabelece o império Inca. Ele é considerado o fundador da civilização Inca. Pachacuti é considerado o primeiro Inca a ser enterrado no templo de Coricancha em Cuzco.

1100 a 1438
 Inca Capac estabelece o império Inca. Ele é considerado o primeiro Inca a ser enterrado no templo de Coricancha em Cuzco.

700 a 1000
 A civilização Tiahuanaco entra em decadência. Por volta do ano 1000, no Peru, existem diversas tribos guerreiras sem chefes poderosos.

600 a.c. - 700 a.c.
 Forças a civilização Tivapaku ou Tiahuanaco e Inca. São construídas as ruínas de Machu Picchu e Inca. São construídas as ruínas de Machu Picchu e Inca.

600 a.c.

700 a.c.

1000

1438

1492

1533

cavalos. O último *lodge* do roteiro da cavalgada fica no início da trilha Llactapata, de onde só é possível seguir a pé. Apenas 20% dos turistas vão a Machu Picchu por esta rota. A grande maioria prefere ir de carro. Aqui nosso grupo se divide. Alguns não querem se arriscar e vão pela estrada. Acompanhados pelo médico, enfrentamos 8 horas de caminhada num vale de tirar o fôlego, literal e figuradamente. As primeiras 4 horas são só de subida. Para suportar o cansaço e a falta de ar, seguimos em passos lentos, mas sem paradas. “Cada vez que se senta, o corpo esfria e para aquecê-lo novamente você gasta mais energia do que quando o mantém em movimento”, orienta Pepe Noriega. O esforço é recompensado no alto, onde um portal de rochas encaixadas permite a primeira visão da cidade inca. “Pouquíssimas pessoas têm fôlego suficiente para contemplar o santuário deste mirante”, incentiva Pepe.

No dia seguinte, nas ruínas do parque ecológico, procuramos controlar a ansiedade para explorar cada detalhe, mas logo o guia Guido nos apressa para pegarmos uma fila e subir Wayna Picchu, a montanha a Leste de Machu Picchu. Apenas 400 pessoas podem subir por dia e a ordem é de chegada. São mais de 1.200 degraus entalhados num desnível de 700 metros. Desta vez, apenas o guia nos acompanha – o produtor Paulo Junqueira, o repórter cinematográfico Antonio Luiz e eu. Nenhum outro integrante do grupo topa o desafio. Em alguns trechos é preciso se agarrar em cabos de aço e cordas, como numa escalada. Em 3 horas alcançamos o cume e paramos para apreciar uma vista privilegiada. “Aqui temos a oportunidade de avistar o formato de condor”, valoriza o guia. “Em Machu Picchu vivia a classe real do Império Inca e em Wayna Picchu, a classe mais poderosa, só sacerdotes. Eles viviam como os condores, sempre em busca dos pontos mais altos”.

Como na maioria das cidades incas, Ma-

CONDOR

Do alto da montanha Wayna Picchu, a visão do formato de condor de Machu Picchu. O Parque Ecológico conserva os 172 edifícios (à dir., acima) que, como toda cidade, são feitos de pedras milimetricamente encaixadas (à dir., abaixo), sem o uso de qualquer liga





chu Picchu é feita de pedras milimetricamente encaixadas, sem o uso de qualquer material de liga. A superfície edificada tem aproximadamente 530 metros de comprimento por 200 de largura e contém 172 edifícios.

A posição dos edifícios tem relação com a astronomia. Os templos têm forma de animais. Como Machu Picchu, Pisac tem forma de condor; Ollantaytambo, de lhama; Wayna Picchu, de puma, e o rio representa a serpente. A entrada dos templos é voltada para o sol nascente e a saída, para o poente. Um relógio esculpido em granito no alto da cidade acompanha o movimento da luz e as sombras projetadas indicam as estações e períodos do ano.

A cidade de pedra fica no alto de uma passagem entre duas montanhas e duas falhas geológicas, em uma região submetida a constantes terremotos, com chuva o ano todo. Canais de drenagem se estendem por toda a área urbana para evitar a erosão. Hoje, apenas 30% da cidade são de construções originais. O restante foi reconstruído.

Quando o norte-americano Hiram Bingham chegou ao local, em 1911, Machu Picchu estava coberta pela vegetação. Mesmo assim, ele escreveu em seu diário: “Em nenhum outro lugar, havia contemplado tal beleza e magnificência como as que aqui se apresentaram”. Posso assegurar que o sentimento do descobridor continua sendo compartilhado pelos atuais visitantes desse Patrimônio da Humanidade. 🌟